

Jornal de Piracicaba: lugar de memória

Marcela Benvegnu¹

Alguns dos fenômenos mais evidentes nas sociedades pós-modernas se concentram na ausência (ou perda) de memória e na não-construção de uma história linear, seja ela de seu sistema individual ou coletivo. Na contemporaneidade, muito se discute sobre essa temática, pois parece cada vez mais difícil contar uma história, quando ela não está registrada e, portanto, não se tornou memorável. Ao longo de seus 107 anos, comemorados no mês de agosto de 2007, o *Jornal de Piracicaba* vem sendo instrumento tanto de história quanto de memória para inúmeras pesquisas científicas.

Como disse certa vez a pesquisadora em artes Maria Teresa Cunha, “memória é a vida carregada por grupos vivos, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas”

e a história “é uma versão do que não existe mais; uma representação do passado, um discurso sobre outro discurso, uma versão possível que sempre depende de arquivo”. Sendo assim, pode-se pensar o *Jornal de Piracicaba* como uma referência para pesquisas científicas, como um lugar de memória, construído pela sua própria história.

Como resposta a todo esse processo, o matutino se vê como ciência nos mais diversos textos jornalísticos, acadêmicos, dissertações e teses. Segundo Adolpho Queiroz, professor do curso de pós-graduação em comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), existem pelo menos três fases distintas na pesquisa científica sobre o *Jornal de Piracicaba*.

¹ Jornalista, repórter de cultura do Jornal de Piracicaba. Pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, desenvolve pesquisas sobre corpo, mídia e crítica. E-mail: marcela@jppjornal.com.br

A primeira delas se dá nos anos de 1940, via Leandro Guerrini, que foi chefe de redação do jornal e escreveu o primeiro ensaio sobre a história de Piracicaba, a partir de notícias publicadas no próprio impresso. A segunda fase se dá depois de um hiato de 40 anos, a partir de um projeto da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), do qual Queiroz era um dos coordenadores. O projeto consistiu em inventariar a história da imprensa piracicabana e possibilitou o surgimento de diversos subprodutos. Já a terceira fase, na qual se fixa o centenário do veículo, com a obra de Samuel Pfromm Netto, membro do conselho editorial do jornal, e de Carlos Roberto Soderro Martins, intitulada *Pena, escudo e lança: cem anos do Jornal de Piracicaba e cronologia piracicabana do século 20*.

Como contextualiza Pfromm Netto, Piracicaba é uma das únicas cidades brasileiras a possuir um registro centenário de sua história nas páginas de um jornal. “É possível encontrar em outras cidades algo semelhante, mas não com a mesma continuidade, porque muitos jornais desaparecem. Essa característica do JP é mais do que louvável, pois tem importância local, nacional e internacional”, acredita. “O único jornal que me ocorre em termos de comparação, seja ele um espaço de memória e história, é *O Estado de S. Paulo*, que também é centenário”.

ESCRITA DO TEMPO

Uma das marcas diferenciais do *Jornal de Piracicaba*, quando atinge seus 107 anos de fundação, segundo Queiroz, é a de ser constantemente objeto de pesquisa e difusão de suas idéias em universidades brasileiras e publicações de prestígio internacional, como as realizadas pela Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, ligada à Umesp.

“Desde o projeto fundador que fizemos na Unimep, denominado ‘A História da Imprensa em Piracicaba’, no começo dos anos 90, surgiram muitos estudos sobre o matutino como a minha tese de doutorado, a dissertação de mestrado do professor Paulo Roberto Botão, hoje coordenador do curso de jornalismo da Unimep; um prêmio que ganhamos no primeiro concurso nacional de mídia promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1998, e outros. São vários os bons momentos em que a pesquisa sobre o *Jornal de Piracicaba* tem se consolidado no país”.

Em “Fortunato Losso Netto, diretor do *Jornal de Piracicaba*”, trabalho apresentado pela pesquisadora Patrícia Ozores Polacow e por Rosemary Bars, editora responsável pelo *Jornal de Piracicaba*, no grupo de trabalho de História do Jornalismo, do 5º Congresso Nacional de História da Mídia, realizado em São Paulo, em 2007, presume-se que, em Piracicaba, haja duas coleções das edições impressas

do *Jornal de Piracicaba*. “A primeira é a do próprio jornal, que possui praticamente todos os números, sendo que alguns – em processo de restauração – estão temporariamente indisponíveis. Outra coleção, também praticamente completa, pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), que pretende digitalizá-la. Além destas, o *Jornal de Piracicaba* e a Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto possuem coleções microfilmadas. Recentemente, estas duas instituições estabeleceram uma parceria para que cada uma complete sua coleção”, escreveram.

Esses outros espaços permitem a pesquisa e um novo registro dos acontecimentos. “É cada vez maior o número de pessoas que vêm ao IHGP para pesquisar nos volumes do *Jornal de Piracicaba*”, revela Haldumont Nobre Ferraz, vice-presidente da entidade. “O material é fonte de referência para pesquisas, escritura de livros. Ao folhear o matutino se encontra um novo mundo, se é apresentado há um outro tempo. E isso só é possível porque foi registrado”.

PASSADO NO PRESENTE

É na construção da identidade que o jornalismo impresso se consolida diariamente. “A memória é construída por meio desse trânsito diário do jornalista, um historiador do presente – termo criado por Roger Chartier, conhecido por seus trabalhos de his-

tória cultural e depois apropriado pelos historiadores Michel de Certeau e Jean Lacouture –, que registra a vida da comunidade, uma ação, um movimento”, pontua Rosemary Bars.

“O *Jornal de Piracicaba* é o retrato da memória sobre uma cidade rica em muitas áreas, como cultura, política e ecologia. Um instrumento facilitador para que os pesquisadores possam entender uma época e também fazer uma análise crítica, de como o veículo viu aquilo naquele tempo”. Para a editora responsável, o jornal como fonte de pesquisa dentro da historiografia moderna é um dos principais elementos de reconstrução, mas não pode ser o único. “É preciso documentos, fontes externas, histórias orais. É uma relação de mão dupla”, acredita. “O *Jornal de Piracicaba* como um registro de seu próprio tempo não pode ser ignorado como fonte de pesquisa. Estamos abertos a isso porque falamos sobre a nossa gente e sobre nós mesmos. Não temos um concorrente no sentido da continuidade”.

Assim, é possível dizer que, diariamente, novos corpos alimentam à sua maneira essa memória e essa história, que sempre serão construídas pelo tempo e pela força impressa das palavras.

FOCO NA PESQUISA CIENTÍFICA

A lista de pesquisas científicas que já foram desenvolvidas por estudantes, profissionais, pesquisadores, jor-

nalistas e historiadores, tendo como foco e fonte bibliográfica o *Jornal de Piracicaba*, em seus 107 anos, é longa. Durante esse processo, foram muitos os indivíduos que pelo acervo do jornal usaram o conhecimento existente na área, formularam o problema e a hipótese para enfrentá-lo, coletaram e analisaram dados e tiraram conclusões. Aprenderam a lidar com o desconhecido e a encontrar novos conhecimentos. Fizeram ciência.

O coordenador do curso de jornalismo da Unimep, Paulo Roberto Botão, é um desses exemplos, que encontrou no matutino – para dizer em linguagem científica – o *corpus* de seu objeto de pesquisa. Sua dissertação de mestrado *A evolução do processo opinativo num jornal do interior. Estudo de caso sobre o Jornal de Piracicaba no período entre 1966 a 1992*, foi defendida em abril de 1996 no programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação do professor José Marques de Melo.

“Na época, tentei entender de que forma o jornalismo foi exercido no jornal. Foi uma análise com relação ao gênero opinativo e foi possível comparar a década de 60, a década de 80 e esse pós-período, para observar como o contexto e o enfoque foram mudando”, explica Botão. “É interessante apontar que não se verificou uma situação de monopolitismo. Apesar de existirem textos contra uma

situação, foi possível encontrar outros que eram a favor daquele tema. Notou-se que havia uma abertura de espaço para diferentes vozes”.

Da dissertação surgiram vários outros trabalhos, que foram apresentados em congressos e seminários.

INSTRUMENTO DE PESQUISA

O professor Adolpho Queiroz defendeu sua tese de doutorado tendo como enfoque a trajetória do *Jornal de Piracicaba* de 1900 a 1997. “Recuperei boas parcelas da história da imprensa local, a partir do projeto fundador, que realizei com apoio da Unimep. Inclusive a jornalista Rosemary Bars fazia parte dele”, conta Queiroz.

“O capítulo sobre a história da imprensa em Piracicaba ficou vasto, mostrando quantas publicações surgiram e desapareceram nestes mais de 200 anos de existência da cidade. Mas, de todos os jornais, tem sido o *Jornal de Piracicaba* o de vida mais perene. É uma lição de vida, de administração bem conduzida e de sucesso editorial”, diz o professor. “Acredito que a Unimep e a Umesp têm dado sua contribuição, junto à Intercom e às revistas de comunicação, para difundir de forma positiva as contribuições do *Jornal de Piracicaba* ao cenário jornalístico nacional”.

A tese não é a única publicação de Queiroz sobre o matutino. Ele também assina, ao lado de Botão e Maria Beatriz Bilac, o artigo “As eleições em Pira-

cicaba a partir de um jornal local: 1966/1987”, publicado na revista *Comunicação & Sociedade*, de 1997; o artigo “A imprensa piracicabana no século 19”, publicado na revista *Impulso*, em 1990; organizou com Denis de Oliveira a publicação *Jornais Centenários de São Paulo*, que apresenta um artigo referente ao *Jornal de Piracicaba*, escrito pelas estudantes Ana Camila França de Negri e Renata Perazoli.

Outra de suas publicações, ao lado de José Marques de Melo, foi o livro *Identidades da imprensa brasileira no final do século: das estratégias comunicacionais aos enraizamentos e às ancoragens culturais*, publicado pela Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, no qual os autores fizeram um inventário sobre vários jornais de prestígio nacional, como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e os compararam aos jornais mais representativos das várias regiões do Estado.

“Fizemos um estudo sobre as primeiras páginas, incidências e predominâncias de assuntos locais, regionais, nacionais, internacionais em suas páginas, bem como uma medição de centimetragem entre as páginas dos jornais reservadas para o plano editorial e para o comercial. Na época, o *Jornal de Piracicaba* manteve um raro equilíbrio de 52% de material editorial para 48% de material publicitário”, revela. “Na época em que o estudo foi feito, por exemplo, o jornal *Diário*

do Grande ABC reservava 80% das suas páginas para anúncios, contra 20% para a produção editorial; enquanto jornais de circulação nacional mantinham equilíbrio”.

REAFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA

O livro *Pena, escudo e lança: cem anos do Jornal de Piracicaba e cronologia piracicabana do século 20*, de Samuel Pfromm Netto e Carlos Roberto Sodero Martins, reafirma a identidade do veículo como fonte de pesquisa linear. “O livro foi preparado para o festejo do centenário do *Jornal de Piracicaba*, em 2000. Como a edição foi esgotada, uma edição revista foi publicada em 2003”, conta Pfromm Netto. “O livro se deteve à preocupação de historiar o passado do jornal e as lutas que ele manteve”.

Na publicação, “um relato até sintético”, segundo Pfromm Netto, “foi feito um retrospecto da imprensa de língua portuguesa, de Portugal, dos primórdios da imprensa brasileira e por fim da imprensa piracicabana”. Uma segunda parte, denominada de “Cronologia de 1900-2000”, com notas oriundas do que havia de mais expressivo nas páginas de todo o jornal completam a obra. “O livro ainda é a mais completa obra do centenário de Piracicaba. Graças ao acervo ininterrupto do *Jornal de Piracicaba*, foi possível recuperar grande parte dos acontecimentos e figuras importantes de Piracicaba. Literalmente, uma aventura

intelectual”, destaca Pfromm Netto, que ainda deve lançar um dicionário de personalidades piracicabanas. “Será um dicionário de 450 páginas não somente com pessoas que ganharam conotação, mas também de figuras ‘sabidas’ de grandeza, como comerciantes, empresários, agricultores”.

Além de todas as pesquisas citadas, ainda é possível destacar a *Bibliografia sobre o Jornal de Piracicaba*, de Gastão Thomaz de Almeida, publicada pela Imprensa Oficial de São Paulo, em 1983; “Anuncia-se uma Época”, artigo de Cristiane Botamedi, publicado no primeiro caderno de mídia do jornal *O Estado de S. Paulo*, que recebeu uma menção honrosa sobre pesquisa de iniciação científica, sob a orientação de Adolpho Queiroz; *História de Piracicaba em Quadrinhos*, de Leandro Guerrini, em 1970, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, entre outros.